

História da educação em Portugal: objectos e epistemologias

José António Afonso

Abstract – *The purpose of this reflection focuses on a question about the trajectory of the History of Education in Portugal, taking into account two dimensions: as academic discipline and as autonomous field of knowledge. We also consider the specificity of the discipline as closely linked to teacher training in the Portuguese case configured wants input in the Universities or the constitution of a field of knowledge which was away from other branches of history, such as the History of Mentality or the History of Ideas. They are probably characteristics which historically shaped the history of education and that initially resulted in its inclusion in the higher education level and a second time while the boosted field of research and theoretical reflection. This development is accompanied by the organization of historians of education associative schemes both nationally and internationally amplitude. The vision we promote the dynamics of the History of Education falls since the 70s of the Twentieth Century to the first decade of the present Century, emphasizing the rhythms and dissonances of a process that goes through the recognition of university discipline and progressive theoretical and empirical robustness, but necessarily reflect the reconfiguration of the University itself and the dynamics of the community of historians of education.*

Riassunto – *Lo scopo di questa riflessione si concentra su una domanda relativa alla traiettoria della Storia dell'Educazione in Portogallo, tenendo conto di due dimensioni: disciplina accademica e campo autonomo del sapere. Si considera altresì la specificità della disciplina in quanto strettamente legata alla formazione degli insegnanti che, nel caso portoghese, vuole il suo ingresso nelle Università o la costituzione di un campo del sapere che era lontano da altri rami della storia, come la Storia delle Mentalità o la Storia delle Idee. Sono probabilmente le caratteristiche che, storicamente, hanno plasmato la Storia dell'educazione e che inizialmente hanno portato alla sua inclusione al livello di istruzione superiore e a potenziare il campo di ricerca e di riflessione teorica. Questo sviluppo è accompagnato dall'organizzazione degli storici dell'educazione in associazioni di ampiezza sia nazionale che internazionale. La visione prospettata presenta le dinamiche della Storia dell'educazione dagli anni '70 del Novecento al primo decennio di questo secolo, sottolineando i ritmi e le dissonanze di un processo che passa attraverso il riconoscimento della disciplina universitaria e la sua progressiva robustezza teorica ed empirica, ma necessariamente riflette la riconfigurazione della stessa Università e le dinamiche della comunità degli storici dell'educazione.*

Keywords – Portugal, politics, education, epistemology, history of education

Parole chiave – Portogallo, politica, educazione, epistemologia, storia dell'educazione

José António Afonso (Segovia, Spain, 1956), Licensed in History (FL UPorto), Master of Science in Education (FPSC of UPorto) and Doctor of Education (University of Minho). Professor at the Institute of Education and Researcher in CIED (Centre for Educational Research), University of Minho. His research focuses on the History of Education in the areas of social movements, institutional devices, the discursive practices and processes of secularization and laicization in Portuguese society. His publications include books: *Protestantismo e Educação. História de um projecto pedagógico alternativo em Portugal na transição do séc. XIX* (2009) and *Paróquia de Cristo e Colégio Evangélico Lusitano. Um século de testemunho Cristão em Oliveira do Douro* (V. N. de Gaia), in

collaboration (2013), participation in collective works: *Laicidade, Religiões e Educação na Europa do Sul no Século XX*, (2013), *Escritos de História da Educação. Brasil e Portugal* (2012), *Escolas de Formação de Professores em Portugal* (2012) and *Diálogos sem fronteiras: educação, história e interculturalidade* (2012), and articles in national and international journals.

1. Introdução

Para se entender o trajeto da História da Educação em Portugal ter-se-á de enquadrá-la, na dimensão diacrónica, numa permanente articulação entre quatro polos, que em consonância com as conjeturas sócio históricas revelam combinatórias pertinentes. A proposta que ensaiaremos tem assim como estruturantes os seguintes vetores: i) as problemáticas inerentes ao próprio campo da História, e em especial ao da História da Educação; ii) o espectro da investigação empírica, e de modo restrito a investigação específica em História da Educação quanto à definição do *corpus* documental, ou seja a natureza das fontes primárias no domínio do educacional; iii) a reflexividade, entendida nos planos epistemológico e metodológico, mas certamente também no plano público (ou da políticas sociais) enquanto afirmação de posições axiológicas, e iv) no âmbito da institucionalização académica da História da Educação indelevelmente associada à profissionalização docente, mas manifestando a possibilidade de constituição de um domínio autónomo de saber. É, portanto, com base neste esquema que conduziremos a nossa leitura.

2. A História da Educação como disciplina do currículo da Formação de Professores

A História da Educação surge como disciplina nos currículos de formação de professores primários e do secundário nos inícios do século 20 com a designação de História da Pedagogia no âmbito do Curso de Habilitação para o Magistério Secundário. Em 1911, a Universidade de Coimbra, semelhantemente ao Curso Superior de Letras, de Lisboa, também a incorpora em conexão com a formação de professores para o ensino secundário. As Escolas Normais Superiores são extintas em 1930 sendo, então, criadas nas Seções de Ciências Pedagógicas, nas Faculdades de Letras de Lisboa e Coimbra, a disciplina de História da Educação, Organização e Administração Escolares e, no ano de 1961, na Faculdade de Letras do Porto, a disciplina de História da Educação. Refira-se que no contexto da formação de professores de Educação Física ministrava-se no Instituto Nacional de Educação Física desde a sua criação, na década de 1940, a disciplina de História da Educação Física. Nos anos de 1970, nas Faculdades de Ciências é criado o Ramo de Formação Educacional, compreendendo um “conjunto de disciplinas de ‘cultura pedagógica’” que, de acordo com Joaquim Ferreira Gomes (1988), não contemplava a História da Educação. Nas Escolas do Magistério Primário, com a missão de formar professores primários, a partir de 1960, a História da Educação é um módulo de uma disciplina curricular

denominada Pedagogia, Didática e História da Educação.

Como disciplina académica a História da Educação (nas indefinições de nomenclatura ou na compósita absorção com um estatuto marginal) está intimamente ligada à formação de professores, salientando-se, no entanto, que sendo o seu objetivo uma iniciação à prática profissional, estava indelevelmente matriciada num registo doutrinal (e ideológico) e num canónico historicismo positivista, naturalizando-se o fato educativo tal como deixam antever as vulgatas de ampla circulação e os manuais usados na sua lecionação. Porventura dois fatores contribuam para esta circunstância. Um primeiro relaciona-se com a particularidade da disciplina de História da Educação ser ministrada por docentes que, vindos uns da área da História e outros da área da Filosofia, não tinham como centro das suas investigações a História da Educação. O outro fator interpela o próprio estatuto da História da Educação no âmbito da Ciências Históricas. A produção científica na área educacional era escassa, como demonstra Rui Grácio (1988), e a que timidamente surgia, despoletava no seio da História das Mentalidades ou da História da Cultura, e em torno ora do pensamento pedagógico, ora da descrição de instituições, não revelando os estudos qualquer autonomia epistemológica do facto educativo. Esses estudos também estavam circunscritos a uma apertada e clássica sucessão histórica, pautando-se, de acordo com Rui Grácio (*id.*) por um “inquérito meramente arquivístico” e a “pequena erudição”. Por razões políticas – recorde-se que um Estado censório e ditatorial vigorou em Portugal de 1926 a 1974 – as “épocas mais recuadas” eram as abordadas, notando-se, no entanto, o esboçar de aspetos teóricos nomeadamente ligados à Filosofia da Educação ou à História da Pedagogia, e um esforço de descobrir fontes primárias. Neste clima poder-se-á compreender que nos conteúdos da disciplina se promovesse o sentido de uma Filosofia das Ideias Educativas, como defende Margarida Felgueiras (2006), ou, como enfatiza Rogério Fernandes (1988), se procedesse a “um descritivismo erudito em que os fatos pedagógicos são reconstituídos como se tivessem sido produzidos num vácuo social”.

À margem das instituições académicas nasce uma primeira geração de historiadores da educação polarizada no Centro de Investigação Pedagógica criado em 1963 como um dos núcleos do Instituto Gulbenkian de Ciências, promovido pela Fundação Calouste de Gulbenkian. Nomes como Áurea Adão, Rui Grácio, José Salvado Sampaio e Rogério Fernandes, entre outros, abalançaram-se num temerário desafio: dotar a História da Educação de um estatuto científico, num contexto internacional de renovação da própria História, de que a revista *Annales* foi protagonista ímpar, que se saldou, no caso português, dum germinal diálogo com historiadores das mentalidades e da cultura (de que os trabalhos de Joel Serrão poderão servir de exemplo esclarecedor) saldando-se na “abordagem de temas negligenciados” que, como pertinentemente sinalizou Rogério Fernandes (*id.*), permitiu “ampliar o campo temático” acionando, em simultâneo, inquéritos à pertinência dos fundos arquivísticos para a análise do educacional.

Durante 1973 assiste-se à criação de novas Universidades, Institutos Politécnicos e Escolas Superiores de Educação. As Universidades Novas contemplam um Departamento de Ciências da Educação (ou CIFOP – Centro Integrado de Formação de Professores) onde a disciplina de História da Educação estava contemplada curricularmente, apesar de se

patentearem variações na sua designação: História e Filosofia da Educação, Correntes Contemporâneas da Pedagogia, Evolução dos Sistemas de Ensino, Temas de História da Educação e História da Pedagogia da Educação. A amplitude de denominações tem subjacente uma “heterogeneidade ideológica e metodológica”, de acordo com a leitura proposta por Margarida Felgueiras (2006), que naturalmente remete para um leque de problemáticas também elas diversas, mas independentemente desta particularidade histórica, é de registrar que a História da Educação passa a integrar as Ciências da Educação como nucleares na Formação de Professores ao nível Universitário.

3. Afirmação institucional da História da Educação

Na transição para a década de 1980, o campo da História da Educação (investigação e docência) evidencia, por um lado, a entrada no universo Universitário pela via das Ciências da Educação, como patenteia, por outro lado, uma progressiva autonomia científica enquanto um saber específico. Certamente a associação dos polos investigação e institucionalização refletida na prática docente (invertendo o que tinha caracterizado os anos anteriores) tenha propiciado a abertura à reflexão sobre o fato educativo, tonificando-o na dimensão temporal, como estruturante do conhecimento histórico, e compreendendo-o na sua multidimensionalidade como objeto de ação (ou política) pública, o que se traduziu, em termos de docência, na construção de uma identidade profissional, e em termos de investigação numa conceptualização marcadamente interdisciplinar centrada na indagação epistemológica. A História da Educação surge como o imprescindível *locus* de ponderação sobre o entrelaçar sócio historicamente contextualizado do organizacional educativo (métodos e técnicas de ensino) com o social (trajetórias e condição social das populações escolarizadas, inserção espacial da escola e identidades profissionais dos atores educativos). Um sinal, que a década nos pode permitir extrair, é que a História da Educação se concebe como um saber fazer (pelo permanente cruzamento entre diacronia e sincronia) matricial na formação docente.

4. Autonomia científica e identidade da História da Educação

Os anos de 1990 patenteiam a robustez da História da Educação no campo da investigação, denotando a progressiva consolidação do polo reflexivo, com particular foco nas dimensões epistemológica e metodológica, em paralelo com a paulatina consolidação no Ensino Superior.

No polo da institucionalização, os conteúdos da disciplina tendem a ficar clarificados na intrínseca territorialidade do “construir o educacional como objeto epistémico”, para usarmos a desafiante expressão de Justino Magalhães (2007), e concebidos numa complexidade assinalável de múltiplas variáveis que articulam três níveis – macro, meso e micro – em função de problemáticas mais nacionais (Portugal) ou mais amplas (o designado espaço da

Europa). Este empenho é reforçado com a criação de mestrados e doutoramentos em História da Educação, reconhecendo-se então legitimidade científica a uma área de saber, que desde a sua génese está articulada com a formação de professores, também se legitima na sua especificidade científica.

Esta afirmação identitária da História da Educação reflete a vitalidade que o campo da História da Educação vinha manifestando, desde os finais da década de 1980, especialmente pelas incursões na senda da internacionalização através da participação de historiadores portugueses nos congressos promovidos pelo ISCHE (International Standing Conference for the History of Education) e em comités de revistas internacionais, mas fundamentalmente pelo grande impulso dado a partir do 1º Encontro de História da Educação, realizado, em 1987, com o decisivo apoio do núcleo da Fundação Calouste de Gulbenkian. Este marco é assinalado com a edição de um notável documento sobre o estado do campo da História da Educação e um pioneiro inventário das fontes arquivísticas.

A comunidade de historiadores da educação organiza-se na Secção de História da Educação da jovem Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, nascida em 1990. A dinâmica associativa ir-se-á já expor na organização do 2º e 3º Encontros de História da Educação, respetivamente em 1996 e 2006, na dinamização dos diálogos com a Espanha, pelos Encontros Ibéricos de História da Educação e pela assunção de bianualmente organizar o Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, que no ano de 2016, alcançou a 11ª edição. Em inícios do ano de 2015 a comunidade de historiadores da educação constituiu-se como Associação de História da Educação de Portugal (HISTEDUP). A parceria com as sociedades homólogas espanhola e brasileira pauta o reforço na via da internacionalização da comunidade portuguesa que também se espraia a outros países da América Latina e da Europa pela inclusão nas comissões editoriais de revistas e pela assinalável progressão de colaborações em revistas, livros e comunicações em congressos, destacando-se, em particular, o CIHELA (Congresso Ibero-Americano de História da Educação Latino-americana) ou o ISCHE. A comunidade envolve-se em múltiplos projetos internacionais de investigação, como o Prestige ou o Manus (especificamente sobre manuais escolares), ou na criação de associações de que a SPICAE (*Solidatas Pro Investigacione Comparata Adhaesa Educationi*), em 1997, é um referencial pelo fomentar a colaboração de investigadores da Espanha, Itália, França, e Portugal. Este investimento configura um novo território da História da Educação – a Lusofonia e a Mediterraneidade.

Dois últimos apontamentos sobre a sociologia do campo da História da Educação. O primeiro circunscreve-se à captação de novos públicos para a investigação em História da Educação que é inevitavelmente um dos corolários da dinâmica de campo do saber; o outro apontamento reporta-se ao mercado editorial (universitário e comercial) cada vez mais sensível ao interesse que a História da Educação vinha despertando e corresponde a um momento de democratização dos estudos produzidos em sede académica (mestrados e doutoramentos) e de traduções de obras de referência, mas também encontra eco na realização de monografias locais e regionais sobre a educação (em sentido amplo do termo). Este momento pode ter sido um dos galvanizadores de novos públicos e certamente uma condição de criação de novos leitores e indutor de projetos de animação sociocultural e

museológicos. Da conjugação destes dois fatores poder-se-á concluir que a investigação em História da Educação começa a adotar uma robustez multidimensional que se reflete nos estudos em que a idade, o género, os meios e os modos pedagógicos, emergem em temporalidades mais finas, intersectando-se com o processo de modernização da sociedade portuguesa, deixando antever o desapertar de aspetos mais particulares do sistema de ensino como, por exemplo, o designado Ensino Especial ou convocando as aprendizagens e formações extraescolares como dimensões indelévels dos contextos educativos. Os agentes educativos são analisados na trama identitária do seu posicionamento no organigrama escolar ou do sistema de ensino e os saberes implícitos nos diferentes domínios da educação (tais como Educação Física e Desportiva, Sentimental, Sexual Moral, Religiosa, como também na amplitude da Educação Artística) e os conteúdos dos saberes escolarizados são passíveis de ser analisados em relação com periodizações mais densas, como por exemplo, a 1ª República ou o Estado Novo. No final da década de 90 começam a desenhar-se investigações sobre o período de transição para a democracia. A história comparada é marcada pela identificação de novos problemas e pelo acionar de novos modelos analíticos e abordagens que rompem com os paradigmas redutores das singularidades (ou identidades) em confronto heurístico.

5. Um novo desafio na institucionalização da História da Educação

Entrados no século 21, com a assinatura do Tratado de Bolonha processa-se uma reconfiguração universitária - quer ao nível curricular, quer na formação profissional - que passa pela estruturação com base em 3 ciclos: licenciatura (1º ciclo), mestrado (2º ciclo) e doutoramento (3º ciclo). A disseminação de uma lógica ancorada nas competências provocou que em algumas Universidades portuguesas a disciplina de História da Educação fosse substituída por Correntes Pedagógicas ou História e Fundamentos de ..., significando ambas as denominações uma evolução negativa em termos da identidade que o saber da História da Educação vinha conquistando pela correspondência cada vez mais ativa entre os polos: problemáticas teóricas - investigação empírica - reflexividade. Noutras Universidades manteve-se ao nível do 1º ciclo a disciplina de História da Educação, assinalando-se contudo que os currículos sofreram mudanças, quer em termos de conteúdos, quer em termos de problemáticas, como deixam antever os programas que Justino Magalhães (2011) e Luís Alberto Alves (2012) implementaram para esta nova fase de institucionalização da disciplina. No estudo de Justino Magalhães (*id.*) procede-se a uma análise muito circunstanciada das diferenças de currículos antes e depois de Bolonha, aliás o autor convoca a sua própria experiência de lecionação justificando as lógicas determinantes nos dois programas na transição para o Modelo de Bolonha.

Contudo, na transição para o Modelo de Bolonha, e recorrendo a um estudo de Teresa Santos (2007), poder-se-á inferir que era manifesto nas Universidades portuguesas “uma variedade de designações arbitrárias”, para a disciplina de História da Educação, que

correspondiam, de acordo com a autora, a uma “autonomia disciplinar” (como os conteúdos na sua variedade o provam) que, no entanto, e seguindo o estudo referido, exprime “um desvitalizar epistemológico” que coexiste com uma “germinação preocupante” (por exemplo a porosidade com a Filosofia ou a Pedagogia que é persistente em algumas Universidades) que foi “empobrecendo” a disciplina por “perda de territorialidade”. Mesmo que a História da Educação estivesse inserida nas licenciaturas vocacionadas para a Formação de Professores, e nas direcionadas para a Formação de Educadores Comunitários, o seu estatuto continuava periférico no campo das Ciências da Educação, onde a sociologia adquiriu o oligopólio (para usarmos uma imagem proposta por René Barbier) na análise da Educação. Com a implementação do Modelo de Bolonha, a fragilidade da História da Educação torna-se evidente, demonstrando a dissonância entre o polo da institucionalização e os outros três polos (problemáticas teóricas / investigação empírica / reflexividade), mesmo que a docência da disciplina já fosse assegurada por historiadores com investigação em História da Educação, e, como sublinha Teresa Santos (*id.*), a “ausência de debate” entre os profissionais, para que a situação de insularidade disciplinar pudesse ser revertida.

Neste período um outro fenómeno destaca debilidades no âmbito da Profissionalização Docente. Referimo-nos à dilemática situação dos professores do ensino secundário onde estão cada vez mais visíveis os sinais de retração das carreiras profissionais no contexto de um ciclo negativo em termos económicos, financeiros e demográficos, que neste quadro, anuncia também a crescente desvalorização docente. A consequência plausível é uma contração dos potenciais públicos para as pós-graduações.

A ideologia tácita do Tratado de Bolonha tem subentendida que na hierarquia dos saberes as Ciências Sociais e Humanas ocupem um lugar periférico, o que implica uma agenda de subalternização da investigação nesses domínios com nefastos efeitos para a História da Educação. No polo da institucionalização esboça-se a tendência de um futuro incerto para a História da Educação, ainda que ao nível das pós-graduações (mestrados e doutoramentos) se mantenha um procura residual. Ao nível da comunidade científica de historiadores da educação assiste-se, por um lado, a uma luta contra a demografia de uma comunidade que, pelas razões que tem vindo a ser aduzidas, não se tem renovado com celeridade de forma a evitar a cristalização da área científica, e, por outro lado, às persistentes declarações contra a desvalorização ideológica do estatuto da História da Educação, que no contexto académico se vinha pela redução das ofertas na pós-graduação, o que reconcentra o retraimento do polo da profissionalização em simultâneo com o desvitalizar da investigação.

Nestes anos assinala-se que novos territórios da História da Educação surgem como objeto de investigação, nomeadamente os movimentos sociais e as problemáticas indelevelmente a eles associadas enquanto movimentos instituintes de práticas e experiências pedagógicas, e é também o tempo de consolidação da história comparada que sociologicamente revela a criação de comunidades de historiadores da educação de matriz transnacional, com diferentes geometrias, que marcam a emergência de novas modalidades de associação e de novas sociabilidades, configurando redes de investigadores e delimitando um tonificar da investigação em História da Educação.

6. A produção historiográfica em História da Educação – questões e tendências

Rui Grácio (1988) e Joaquim Ferreira Gomes (1988) realizaram duas significativas recensões sobre a produção historiográfica em História da Educação entre 1945 e 1990. Rui Grácio (id.), relativamente ao período compreendido entre 1945 e 1978, distingue uma investigação condicionada por coações fortemente ideológicas, consequência de um regime politicamente totalitário e dependente de uma História Política (ou eventualmente uma História das Mentalidades), o que poderá ter delineado uma História da Educação mas sempre tecida nuns parâmetros cronológicos clássicos de sucessão do tempo histórico, onde o peso do conflito do poder real com o poder religioso vai limitando a amplitude social do conceito de Educação, reduzindo-o a um sinónimo de “renovação cultural e pedagógica”. Joaquim Ferreira Gomes (id.) adentra-se na prospeção da produção historiográfica desde finais de 1970 até aos finais de 1980. O autor destaca o salto qualitativo nos marcos de autonomia científica, mas nota que a produção é muito desigual quanto à sua fundamentação científica e que as fronteiras com vários domínios da História (como sejam a História da Cultura, a História das Ideias, a História das Mentalidades ou “mesmo a História Ciências”) são todavia escassamente esclarecidos, e que grande parte da produção é de cunho meramente divulgativo.

Tendo em atenção estes dados, constata-se que é no período pós 25 de Abril de 1974 que o eixo teórico-metodológico, em articulação com a análise empírica, alcança a assunção da interdisciplinaridade e da multidimensionalidade, impulsionada por categorias analíticas substantivas do próprio campo da História da Educação. Nesta conjunção a triangulação atores/ textos/ contextos, quer como possibilidade de questionar as cronologias canónicas quanto à persistência do fato educativo, quer como hipótese de (re)vistar os *velhos* temas da História da Educação. A descoberta dos domínios de investigação, a partir de 1980, faz-se em estreita articulação com a valorização das fontes.

Domínios como a identidade profissional, o feminismo, os movimentos sociais, a articulação das lógicas territoriais local/ regional/ nacional na criação do fato educativo e a invenção das Infâncias coincidem com a saturação do objeto Escola com o surgimento de estudos monográficos sobre os liceus, escolas técnicas, escolas profissionais e a própria escola elementar, destacando um método que se delinea também com as fontes primárias através da edição de repertórios sobre novas fontes, de que a própria imprensa pedagógica é um exemplo pioneiro, mas também com o resgatar de documentação de natureza diversa (administrativa, estatística, legislativa, literária, iconográfica, jornalística) e de escritos dos próprios agentes educativos (relatórios de inspeção, autobiografias, memórias e diários dos professores); em síntese: as fontes primárias foram-se ampliando na razão direta de se reconsiderarem pertinentes para a historiografia da educação, ou seja serem tomadas na sua historicidade educacional. O tempo e o espaço educacionais são avocados como índices de uma história social da educação, mas ainda como construção do educacional como objeto epistémico, como conceptualização em que se cruzam aspetos teóricos gerais com uma permanente invenção de instrumentos de trabalho e de investigação. A construção metódica

do arquivo é condição imprescindível do inquérito que o historiador deverá por em prática, acionando um específico dicionário conceptual para a constante descoberta do real educacional.

Com a representação gráfica da Fig.1 pretendemos dar uma ideia da concentração dos objetos de investigação surgidos nos anos 1980 a 1990, assim como o esboço dos domínios que mereceram o investimento académico já durante as primeiras do século 21 - seguindo as propostas de leitura de Joaquim Pintassilgo (2007) e de Joaquim Pintassilgo e Maria João Mogarro (2010), bem como as principais linhas de investigação e metodologias recenseadas na obra coletiva organizada por Luís Alberto Marques Alves e Joaquim Pintassilgo (2015) – sobre o *corpus* de teses (e estudos) surgidos já entrados em 2000. Para o período anterior a nossa base informacional residiu no conjunto de teses (mestrado e doutoramento) defendidas na Universidade de Lisboa (Faculdade de Letras, Faculdade de Ciências e Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, atual Instituto de Educação), Universidade Nova de Lisboa (faculdade de Ciências Sociais e Humanas), ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Universidade de Coimbra (Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação), Universidade do Porto (Faculdade de Letras, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação) e Universidade do Minho (Instituto de Educação e Psicologia, atual Instituto de Educação). Partindo dos títulos e resumos construímos os índices sobre os objetos de investigação com maior centralidade.

7. Um apontamento sobre os debates teórico-metodológicos em História da Educação

O investimento em novas temáticas patenteia a tensão entre a reflexão teórica e o processo de construção dos objetos de investigação. O campo da História da Educação no itinerário da sua autonomização não esteve imune às transformações que a narrativa característica da História foi atravessando.

É um processo contaminado por um leque de múltiplos paradigmas que se acentua com intensidade, depois do designado pós estruturalismo, com o *linguistic turn* e o reacender epistemológico de um ceticismo construtivista ainda com sequelas positivistas em associação com declinações de amplitude pertinente da presença do referencial marxista. Este debate, central na investigação histórica, como demonstra Jaume Aurell (2005), adquire importância capital no sondar da educação e no construir do educacional, de acordo com a posição defendida por Justino Magalhães (2007), porque pressupõe a elaboração de conceitos e a sua contextualização num exponencial diálogo nomeadamente com a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia e a Linguística (Semiótica e Semântica) enquanto justamente disciplinas que configuram a possibilidade e o compromisso de compreender o real (ou como reiterava constantemente E. P. Thompson “a história real”) pelo abrir de uma diversidade de textos (fontes) que disponibilizam elementos de construção de representações do fato educativo – o que mobiliza o historiador a correlacionar os textos com o espaço social da sua produção.

O construto educação como interdisciplinar terá que controlar o risco de importação

acrítica de conceitos oriundos de outras ciências sociais e humanas e expurgar as querelas ideológicas embebidas no discurso histórico e na construção das fontes ou arquivo. O estabelecimento de categorias analíticas em articulação com processos metodológicos cada vez mais burilados, são seguramente a prova da renovação dos estudos históricos da educação operada nas décadas de 80 e 90.

Outro aspeto a destacar é o permanente expandir das dimensões constitutivas dos conceitos - pensamos a título de ilustração nos conceitos de cultura escolar, gramática escolar ou forma escolar, mas também nos de modernidade, secularização ou laicização, e no de *ethos* ou “espírito da instituição” - que permitem apreender a História da Educação, como pertinentemente enfatiza Justino de Magalhães (2007), na sua materialidade, na sua representação e na sua apropriação, durante o complexo nascimento dos Estados Modernos e a inalienável construção dos sistemas públicos de ensino.

O vigor do saber histórico educacional gerou-se tendo presente o polo institucional e o ativo eixo teórico-metodológico em imbricação com as redes internacionais, na constante consolidação da autonomia científica e no estabelecimento de protocolos específicos designadamente no âmbito da produção e análise das fontes enquanto produtos culturais com base em princípios de conceptualização da objetividade das estruturas sociais no agir coletivo e em modelos analíticos como instrumentos da própria investigação. Na Fig. 2 damos nota da circulação concetual e das opções metodológicas que se podem verificar na área da História da Educação, tendo, contudo, presente o alerta de Carlo Ginzburg (1994): “o conhecimento histórico é indireto, indiciário e conjectural”.

8. Notas finais

Para finalizar, este sumário balanço, três notas. A primeira nota refere-se ao progressivo ensimesmamento que atravessa o campo da História da Educação, em especial pela previsível retração do polo institucionalização – profissionalização, agravado pelo desinvestimento editorial, o que significa uma penalização na democratização do saber acantonando-o à própria comunidade científica. A segunda nota tem presente a vitalidade do polo reflexivo (ainda que a sua dimensão pública esteja fragilizada) que induz uma reconfiguração da comunidade científica pela disposição à internacionalização – ou à permanente procura de novos objetos e modelizações – contrariando as intrínsecas debilidades de produção historiográfica no presente contexto português. A última nota concerne à assunção da comunidade de historiadores da educação da sua missão cívica. A consistência desta posição passará por modalidades de intervenção no espaço público, onde a articulação memória e património educacionais é condição por excelência de visibilidade do polo reflexivo e de transposição de um saber académico para um saber social necessário à constituição das identidades.

9. Bibliografía

Alves L. A. M., *História da Educação – uma introdução*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012.

Alves L. A. M. e Pintassilgo J., *História da Educação. Fundamentos teóricos e metodologias da investigação: balanço da investigação portuguesa (2005-2014)*, Porto, CITCEM/HISTEDUP/Instituto de Educação – Universidade de Lisboa, 2015.

Aurell J., *La Escritura de la Memoria. De los positivismos a los postmodernismos*, València, Universitat de València, 2005.

Felgueiras M. L., *História da Educação em Portugal: Instituições, Materiais, Práticas e Representações* (Relatório da disciplina de Mestrado em Educação e Herança Cultural), Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2006.

Fernandes R., Cap. 3: *História da Educação, História das Mentalidades, História da Cultura*, in J. F. Gomes, R. Fernandes, R. Grácio, *História da Educação em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988.

Fernandes R., *A História da Educação no Brasil e em Portugal. Caminhos Cruzados*, in “Revista Brasileira de Educação”, 7, 1998, pp. 5-14.

Godinho V. M., *Problematizar a Sociedade*, Lisboa, Quetzal, 2011.

Ginzburg C., *Microhistoria: dos o tres cosas que sé de ella*, in “Manuscrits”, 12, 1994, pp. 13-42.

Gomes J. F., *Situação actual da História da Educação em Portugal*, in J. F. Gomes, R. Fernandes, R. Grácio, *História da Educação em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988.

Gomes J. F., Fernandes R., Grácio R., *História da Educação em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988

Grácio R., *História da Educação em Portugal: 1945-1978*, in J. F. Gomes, R. Fernandes, R. Grácio, *História da Educação em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988.

Jorge V. O., *Arqueologia, Património e Cultura*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000.

Julia D., *A cultura escolar como objecto histórico*, in “Revista Brasileira de História da Educação”, 1, 2001, pp. 9-44.

Magalhães J., *A investigação e a formação avançada em Educação: perspectiva histórico-educacional*, in “e-working paper”, 1, 2012, consultado em Março de 2014, em <http://www.ie.ul.pt>.

Magalhães J., *O Ensino da História da Educação*, in Marta Maria Chagas de Carvalho, D. Gatti Júnior, *O Ensino da História da Educação*, Vitória, Sociedade Brasileira de História da Educação/Universidade Federal de Espírito Santo, 2011, pp.175-210.

Magalhães J., *História da Educação em Portugal*, in J. Pintassilgo, L. A. Alves, L. G. Correia, M. L. Felgueiras (Org.), *A História da Educação em Portugal. Balanço e Perspetivas*, Porto, Ed. ASA, 2007.

Martins E. C., *Os caminhos da historiografia educativa portuguesa: da história à educação*, in “História da Educação”, 16, 2004, pp. 25-43.

Nóvoa A., *História da Educação* (Relatório apresentado para as provas de agregação), Lisboa, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 1994.

Pintassilgo J., *História do currículo e das disciplinas escolares: balanço da investigação portuguesa*, in J. Pintassilgo, L. A. Alves, L. G. Correia, M. L. Felgueiras (Org.), *A História da Educação em Portugal. Balanço e Perspetivas*, Porto, Ed. ASA, 2007.

Pintassilgo J., Mogarro M. J., *A Historiografia Portuguesa da Educação: balanço e reflexões a partir do exemplo da História da Formação de Professores*, in “Educação”, 1, 2012, pp. 28-41.

Pintassilgo J., Mogarro M. J., *A Historiografia Portuguesa da Educação: balanço da produção recente (2008-2010)*, “Cadernos de História da Educação”, 2, 2011, pp. 89-111

Pintassilgo J., Alves L. A., Correia L. G., Felgueiras M. L. (Org.), *A História da Educação em Portugal. Balanço e Perspetivas*, Porto, Ed. ASA, 2007.

Ò J. R. do, *Métodos e Processos na Escrita Científica da Educação em Portugal*, in J. Pintassilgo, L. A. Alves, L. G. Correia, M. L. Felgueiras (Org.), *A História da Educação em Portugal. Balanço e Perspetivas*, Porto, Ed. ASA, 2007.

Revel J., *Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado*, in Revista Brasileira de Educação, 45, 2010, pp. 434-444.

Santos T. M., *Perfil da História da Educação*, in J. Pintassilgo, L. A. Alves, L. G. Correia, M. L. Felgueiras (Org.), *A História da Educação em Portugal. Balanço e Perspetivas*, Porto, Ed. ASA, 2007.

Fig. 1: Temas de História de Educação

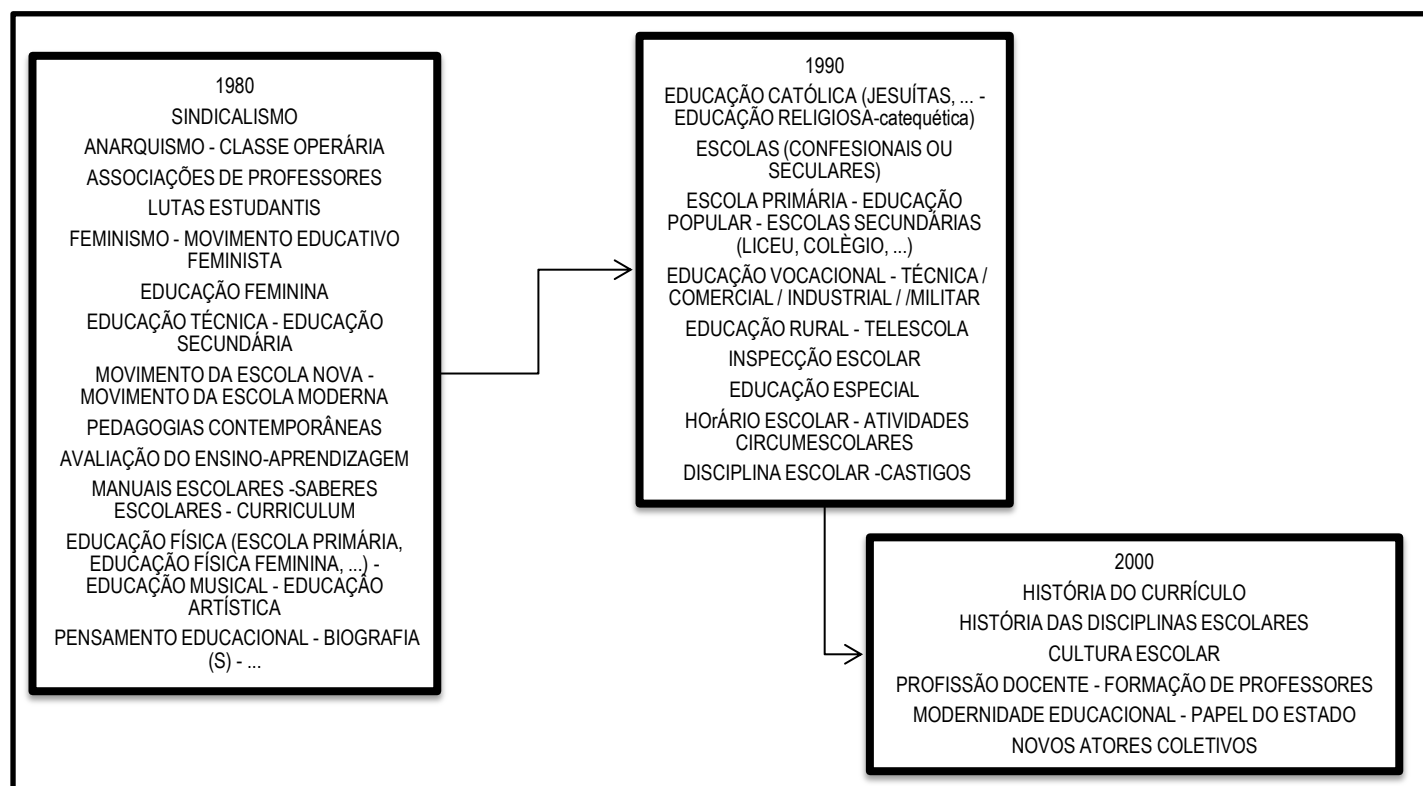
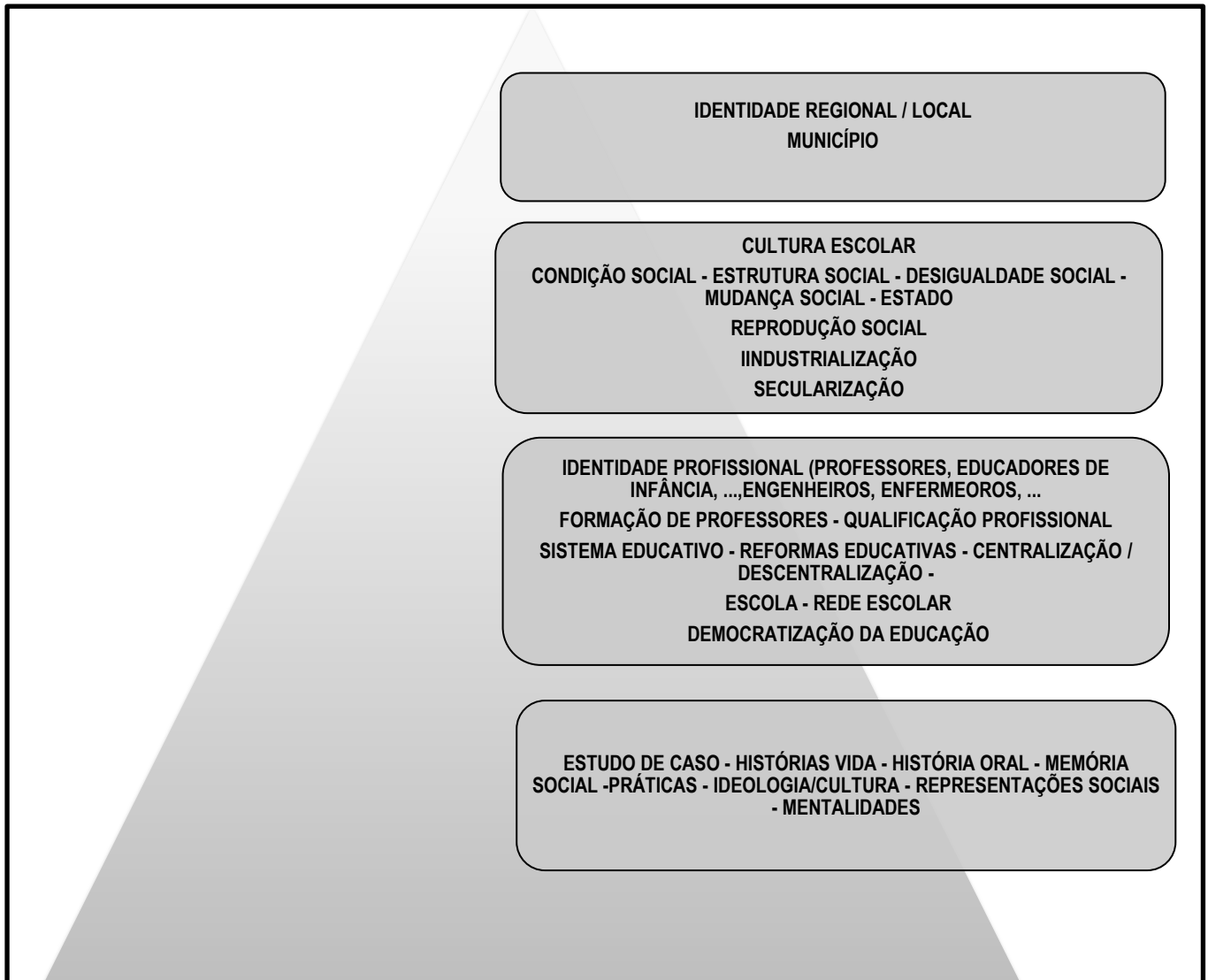


Fig. 2: Problemáticas da História da Educação



Received February 6, 2017
Revision received February 21, 2017 – February 25, 2017
Accepted February 25, 2017